

À competitividade ou o ópio do (a) intelectual neoliberal

The competitiveness or the opium of the neoliberal intellectual

Leonardo Pinto de Almeida

À memória de Marcos Bueno

Este número gostaria de dedicar a um amigo que nos deixou neste ano por complicações derivadas da doença que nos aflige. Marcos Bueno era um intelectual consistente e atento, um homem carinhoso e generoso que não encontramos com facilidade no meio acadêmico brasileiro. Perdemos um parceiro, um amigo...

Assim, gostaria de propor um minuto de silêncio...

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal de Mato Grosso

Professor de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor-chefe da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

leonardo_almeida@id.uff.br

Espero que os (as) leitores (as) entendam que suas decisões nas futuras eleições presidenciais de 2022 farão deles (as) cúmplices ou não do descaso e da morte de tantos brasileiros e brasileiras por causa da covid 19. O negacionismo tosco de nossos (as) conterrâneos (as) se choca com a realidade e a contundência do vírus que nos assola. Muitas mortes poderiam ter sido poupadas se entendêssemos que a pandemia é um problema de todos nós, que devemos proteger a nós e aos outros e que devemos saber escolher quem nos governa. O vírus nos impõe um questionamento ético de nossas atitudes para conosco, com o outro, com a política e com a natureza.

Mas será que estamos preparados (as) para isso?

Pensei ingenuamente que a pandemia e suas consequências pudessem modificar nossa visão míope e nossas atitudes competitivas em relação à produção acadêmica. No entanto, a falta de generosidade da maioria dos (as) colegas em avaliar os trabalhos a que lhe são submetidos ainda é alarmante e sintomática.

Para quem não sabe, um artigo deve passar pela avaliação de pares sem identificação mútua para que o texto seja devolvido para os (as) autores (as) fazerem as devidas modificações.

A maioria dos (as) colegas que são convidados (as) a avaliar seus pares não só recusam a dar pareceres como muitas vezes ignoram a mensagem enviada de solicitação. Devido à política de publicação neoliberal, a competição é implementada e não a colaboração, a generosidade, tão própria aos nossos povos originários.

Os professores e as professoras não aceitam avaliar porque não conta pontinhos nesse joguinho imposto pelos órgãos de fomento que muito parece o *ranking* de um duolingo qualquer.

Quando um número vem a lume, os (as) autores (as) e (as) leitores (as) não fazem ideia da quantidade de trabalho humano envolvido para que um artigo seja publicado. Gastamos no mínimo 10 horas para cada artigo, contando com solicitação e acompanhamento dos pareceres, normalização e diagramação.

Há um negacionismo em relação ao trabalho humano envolvido. É triste que o meio acadêmico de hoje esteja embebido de tão pouca generosidade intelectual.

No entanto, gostaria de frisar que agradeço imensamente a todos (as) aqueles (as) que se dispõem a avaliar os trabalhos enviados. São estes (as) colegas que tornam a publicação de um número possível. Faz tempo que tenho pensado que talvez os (as) avaliadores (as) sejam mais cruciais para o desenvolvimento intelectual brasileiro do que os (as) próprios (as) autores (as).

Agradeço a eles (as) por seu posicionamento político em relação ao saber, sustentado pela colaboração e generosidade.

Devemos desejar um mundo com mais colaboração e generosidade ao invés dessa competitividade tosca e vazia que nos leva ao individualismo opiáceo do neoliberalismo contemporâneo.

Forçados a pensar o contemporâneo a partir dos acontecimentos deste ano, abrimos uma sessão especial em que autores e autoras convidados (as) responderão a questão: “o que é ser contemporâneo(a) hoje?”. Fomos brindados nesta inauguração com os textos de Isidro Herrera que traça reflexões sobre a questão em um nível de sofisticação intelectual que nos faz devorar as palavras com a voracidade e a esperança de uma resposta, e de Santiago Diaz que nos convoca a pensar sobre a pandemia pela via de uma erótica-política para questionarmos os componentes pedagógicos e policialescos, deflagrados por nossa relação com a virótica de nosso tempo.

Além disso, o número foi composto por artigos que apresentam com clareza a diversidade do campo da psicologia que temos como missão.

Sem mais delongas, termino o editorial do presente número. Desta forma, só me resta convidar aos leitores e às leitoras a tomar a tecitura dos artigos aqui expostos para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida